

A METALINGUAGEM GEOZINE: UMA AÇÃO DIDÁTICA NA PRÁTICA DOCENTE

João Paulo Teixeira Viana ¹

RESUMO

A pesquisa propõe um estudo sobre estratégias de ensino para os conteúdos geográficos escolares, tendo o Geozine como fonte para o seu desenvolvimento. O propósito central desta pesquisa é compreender o Geozine como uma linguagem transitiva que se comporta como uma estratégia didática-pedagógica para o ensino da Geografia escolar. Metodologicamente, realizou-se o aprofundamento do referencial teórico a partir da seleção de autores que abordam temas sobre a língua, linguagem e comunicação e sua interface com o ensino da geografia, os conceitos geográficos de Lugar e Paisagem e por fim, sobre o Fanzine e Geozine. A compreensão se dá a partir da exploração das noções de lugar e de paisagem, tendo, primeiramente, como foco uma oficina de construção didática denominada de “O Geozine: Construindo uma metalinguagem didática” destinada aos professores de Geografia da cidade de Taipu-RN. Todo este percurso serviu para dar uma maior densidade à linguagem Geozine e para enfatizar como ela pode ser aplicada, transitiva e metalinguística no fazer pedagógico do professor.

Palavras-chave: Geozine. Ensino de Geografia. Linguagem. Paisagem. Lugar.

INTRODUÇÃO

A educação escolar representa uma atividade de intenso trabalho, tendo início no núcleo familiar e ampliando-se para a escola no que tange ao processo de formação social. O ensino é uma das maneiras de alcançar à aprendizagem, ou seja, o aluno não aprende se não obtiver um estímulo ou uma orientação acerca dos deveres da vida cotidiana. Sendo assim, as estratégias didáticas são um norteador importante na formação do aluno ao longo de sua jornada escolar.

Nessa conjuntura, o professor de Geografia, levado para esse cenário, é desafiado a criar estratégias de ensino que induzam o aluno a experimentar a Geografia Escolar como um campo aberto à inovação, o que supõe lidar com o universo informacional e com as diferentes linguagens que estão no cotidiano, aproximando a realidade vivida àquela a ser estudada. Dessa perspectiva, a Geografia Escolar passa por processos de reelaboração em que o perfil do professor se refaz para se aproximar das mudanças que o ensino e a aprendizagem têm requerido nessas primeiras décadas do século XXI.

O Geozine é uma metalinguagem, na medida em que se organiza no trânsito entre diferentes expressões, sem que haja redução entre elas. A força didático-pedagógica dessa metalinguagem, no âmbito do ensino de Geografia, está em favorecer a integração entre as

¹ Mestre em Ensino de Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, jpviana25@yahoo.com;

diferentes maneiras de decodificação das ações dos homens e da natureza registradas na paisagem e no lugar.

A partir destes questionamentos, o propósito central desta pesquisa é compreender o Geozine como uma linguagem transitiva, desenvolvida como uma estratégia didático-pedagógica para o ensino da Geografia Escolar. Essa compreensão se dá a partir da exploração das noções de lugar e de paisagem, tendo como foco os professores de Geografia das instituições da rede pública da cidade de Taipu (Rio Grande do Norte).

Dessa forma, a elaboração do Geozine é voltada, primeiramente, para a formação dos professores de Geografia das três instituições de ensino de Taipu, pois ser docente é ser um ator social para a sociedade e para o espaço escolar. O professor, ao aprender sobre o recurso, pode aplicar e ampliar o seu fazer pedagógico, ressignificando continuamente a sua prática didática e metodológica.

Todavia, a escolha do professor e não do aluno parte do entendimento de que, para ensinar, é preciso que o professor experimente a estratégia antes de sua aplicação. Essa experimentação antecipada irá favorecer a avaliação, a crítica e a adequação no fazer pedagógico do docente. Ele é um sujeito capaz de pensar nas linguagens e estratégias didáticas que possibilitam a construção de um ensino e de uma aprendizagem significativa. Assim, o Geozine, como uma estratégia, possibilita aos educadores explorar, com os educandos, a confecção de um produto simples em sua construção, mas completo no que diz respeito à diversidade de linguagens que ele pode mobilizar (desenhos, músicas, charges, poesias, etc.).

Nesse contexto da realidade de vivências de professores e alunos, surge a proposta desta pesquisa, ao aproximar o cotidiano com as leituras das paisagens, dos cheiros, das percepções e do pertencimento do lugar, através de uma linguagem denominada Geozine, produto criado por Silva (2018) no Programa de Pós-Graduação Profissional em Geografia da UFRN, tendo como premissa a metalinguagem. Assim, o autor considera o Geozine como um objeto prático para o ensino da Geografia, que tem como princípios de construção o Fanzine ou Zine, porém ressignificando para a ciência geográfica escolar. Logo, compreende um leque de possibilidades, de experimentações e de expressões, na liberdade de quem o elabora e nos caminhos das ressignificações para o ensino de Geografia.

METODOLOGIA

Metodologicamente, a pesquisa é de cunho qualitativa exploratória onde busca através da linguagem Geozine, ser aplicada como uma estratégia pedagógica durante a realização de



um oficina de construção didática com docentes da cidade de Taipu/RN. Também houve a realização de um estudo referencial e bibliográfico sobre língua, linguagem e comunicação, a linguagem Geozine e aspectos inerentes ao Fanzine.

REFERENCIAL TEÓRICO

A linguagem crítica, a estruturação por meio do uso de materiais simples e o apelo à criatividade para veicular ideias foram os desencadeadores para se estabelecer um elo do Fanzine com o ensino de Geografia. Essa aproximação resultou na cunhagem do Geozine, por vezes compreendido como prática e incompreendido como conceito, mas sempre utilizado como estratégia para mobilizar no ensino de Geografia. São lacunas que persistem e que fazem aprofundar, compreender e refletir. É certo que cabem mais questionamentos do que respostas.

O início dessa história está nas inquietações do pesquisador e professor Antônio Gomes em sua dissertação de mestrado, desenvolvido junto ao Programa de Pós-graduação Profissional em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Silva (2018), em sua pesquisa, retrata a profissão do professor, frente às problemáticas diárias no saber-fazer que são vistas:

A profissão de professor está nesse contexto da inquietação criativa, seja, na universidade que exige a vivência no Ensino, Pesquisa e Extensão, seja nas experiências na escola, que implica lidar com uma complexidade de saberes, dúvidas, imprevisões provenientes de campos disformes, seja na condição de um ser limitado de quem é solicitada uma atuação ilimitada. (SILVA, 2018, p. 86).

Dessa perspectiva, o autor reflete sobre o seu saber-fazer e a busca por novos horizontes e formas de expressões. Dedicou-se a elaborar uma proposta metodológica experimental com inspirações no Fanzine, criando o Geozine como uma possibilidade para ensinar Geografia. Em sua pesquisa, volta-se aos conteúdos sobre região no ensino fundamental (anos finais). Para ele, trabalhar com linguagens no ensino da Geografia está relacionado aos processos:

[...] de amadurecimento teórico sobre a Geografia escolar [que o instigou] para sistematizar uma proposição metodológica que pudesse explicitar essa experiência como linguagem didática, proporcionando uma reflexão que pudesse ampliar as estratégias para ensinar. (SILVA, 2018, p. 88).

Logo, a ideia de trabalhar com a linguagem Geozine surge através do contexto educacional do professor frente às barreiras diárias, mas propondo uma experimentação que possibilite novos horizontes e formas de visualizar os conteúdos geográficos. Portanto, o

Geozine é um produto que também surge para responder lacunas, através da experimentação desta estratégia didática, utilizando os aspectos significativos do aluno para construção de uma ponte que interligue os conteúdos geográficos à realidade holística e de vivências.

Sobre o Geozine como um objeto didático, o autor o associa a uma linguagem que se transforma no campo da experimentação e na ampliação de horizontes no âmbito do ensino de Geografia. Diante disto, toma-se como base a ideia de Silva (2018) e propõe-se o desafio para esta dissertação em ampliar a discussão, verticalizando o diálogo com outros autores e buscando compreender o Geozine enquanto uma linguagem, pois é preciso refletir a respeito do percurso metodológico e das lacunas ao longo do caminho teórico.

Nessa condição, há a pretensão de adentrar ao campo da linguagem, estabelecendo uma interface com o Geozine e buscando acentuar a sua característica como uma metalinguagem que se organiza pelo trânsito entre diferentes expressões a fim de responder: por que uma linguagem Geozine? Primeiramente, é necessário buscar a imensidão teórica do campo científico que é a linguagem, com a finalidade de criar meios que propicie o entendimento conceitual do Geozine.

É sabido que as relações do homem com a natureza ocorrem por meio da criação de códigos que, simultaneamente, decifram e recodificam o mundo vivido e percebido. Nesse mecanismo de codificação e decodificação, pode-se entender como uma estratégia de compreensão e sobrevivência da espécie humana em seu processo de humanização. Ademais, impõe-se como conteúdo de sua singularização ou especialização sociocultural e espacial ramificada por extensões da linguagem e da comunicação.

A compreensão do Geozine passa, portanto, pela reflexão sobre linguagem e comunicação, sua interferência na organização das vivências, especialmente aquelas relacionadas ao contexto didático-pedagógico escolar e do ensino de Geografia. Denominar o Geozine como uma linguagem didática é dizer que ele se comporta como uma estratégia pedagógica voltada para o ensino da Geografia Escolar, visto que é uma “mediação dialética do professor e, portanto, o de propiciar a atividade cognitiva do aluno por meio de encaminhamentos metodológico para que esse aluno construa conhecimento e desenvolva capacidades e habilidades cognitivas” (CAVALCANTI, 2010, p. 59).

O Geozine tem como principal característica o elo com diferentes linguagens na sua criação que funciona como uma espécie de metalinguagem. Em outras palavras, é uma linguagem que se alimenta de outras “linguagens” para estruturar a sua própria, tornando-o um objeto único pelo uso dessa pluralidade, onde o “potencial que há no Geozine, enquanto linguagem e comunicação se dá no processo de construção, em que o sujeito precisa,

minimamente, entendê-lo e, nesse sentido entrã o professor para criar as condições iniciais” (SILVA, 2018, p. 93), para mobilizar música, fotografia, mapas, literatura, texto científico, dentro outros.

Diante disso, o Geozine é um elo que se liga a diversos elementos linguísticos que, como o próprio, contêm símbolos, signos e códigos. Apesar de ser plural, apresenta um sistema organizativo fechado, uma vez que, por se tratar de uma linguagem didática, deve apresentar delimitações em sua construção, sejam teóricos e empíricos (enquanto exemplificação e materialização). Sendo assim, sua elaboração está relacionada a uma intencionalidade voltada ao ensino e à aprendizagem, o que implica dizer que a sua criação está vinculada à dimensão dos conhecimentos geográficos.

O Geozine, entre tantas características, tem o ineditismo na sua elaboração, ou seja, nenhum produto será igual ao outro, porque parte do mundo das ideias, da criatividade, do olhar tocante do indivíduo e da problematização das coisas reais. A partir daí, ao se materializar, o Geozine surge como um elo que atrai diversas outras linguagens, seja a música, a fotografia, os poemas, as gravuras e outros. Como aponta Silva (2018, p. 93):

A primeira abordagem passa pela a originalidade artesanal, tendo em vista que, um Geozine não será igual ao outro, mesmo que feitos pela mesma pessoa. Serão impressas “marcas” e características de quem o produziu, sendo desta forma um meio pelo qual podemos mensurar o nível de entendimento.

Portanto, o Geozine é uma linguagem original, materialmente falando “manual”: uma tela em branco, onde o pintor derrama toda a sua criatividade, criando, em sua obra, códigos e signos que servirão como uma ponte comunicacional para a compreensão “todo”, mas que poderão ser vistas as marcas e a intencionalidade de quem o fez. Dessa forma, Silva (2018) também aponta uma outra abordagem linguística acerca do Geozine, por meio da qual:

O mais importante é o trabalho intelectual e o exercício do pensamento. Consiste num momento em que a criatividade é o combustível indispensável, chega a ser uma produção artística, de estética que imprimem singularidades, além de aprender o que o se espera do sujeito, na verdade, mostrará os seus mundos. (SILVA, 2018, p. 94).

O Geozine, enquanto linguagem didática, é uma estratégia que está em constante movimentação, buscando romper com o “ensino estatístico” para o ensino dos conteúdos geográficos a partir da visão metalinguística, uma vez que a criatividade humana faz parte do



processo linguístico e comunicacional. Neste sentido, Straforini (2006) aponta a necessidade desse movimento didático na Geografia escolar:

A Geografia, necessariamente, deve proporcionar a construção de conceitos que possibilitem ao aluno compreender o seu presente e pensar o futuro com responsabilidade, ou ainda, preocupar-se com o futuro através do inconformismo com o presente. Mas esse presente não pode ser visto como algo parado estático, mas sim em constante movimento. (STRAFORINI, 2006, p. 51).

O uso e a intenção do Geozine, no fazer didático do professor, também se comporta como um elo e não como uma finalidade. É necessário que o professor introduza a linguagem como forma de unir os conhecimentos teóricos e as teias geradas durante as aulas. Dessa forma, cabe ao professor guiar o processo, sabendo, de antemão, que é preciso manter o sentido pedagógico, mesmo tendo o conhecimento de que o produto será baseado em diversas percepções.

A mediação, neste processo, é de grande importância. Imaginemos um cenário em branco, onde o que prevalece no meio são as palavras “lugares”, “paisagens” e “Taipu”. A imagem que o indivíduo está criando são acepções sobre essa tríade, organizando palavras ou frases, mas que são insuficientes para explicar na oralidade. Para isso, colocamos alguns dispositivos em torno das palavras, como imagens, frases, músicas, poemas, jornais/notícias. A função destes dispositivos se afigurará em uma rede de conhecimento e, quando colocado em ação, promoverá a aprendizagem.

É assim que o Geozine se apresenta, como uma grande tela em branco que vai sendo preenchida mediante a ligação entre diferentes linguagens, promovendo um exercício metalinguístico. No âmbito do ensino de Geografia, essa experiência denota estratégias que estão em relacionar, esquematizar, ligar, criar símbolos, conexões, sentidos e materializar pensamentos e ações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A oficina “Geozine: Construindo uma metodologia didática” surge com a proposta de prover um ambiente de formação docente aos educadores das instituições escolares da cidade de Taipu/RN. Além disso, tem como objetivo colocar em prática a linguagem Geozine como uma estratégia pedagógica que possa ser utilizada e ressignificada pelo professores, ou seja, é

mais uma tentativa de propiciar ambientes de aprendizagem aos seus principais atores do ensino, os professores.

A oficina ocorreu no dia 11 de setembro de 2019 na Escola Municipal Professora Francisca Avelino, no turno matutino. Com a presença de 15 (quinze) professores do ensino básico, dentre eles os que lecionam a disciplina de Geografia. Para o desenvolvimento da oficina, foi necessária a organização dos materiais e insumos para a ocorrência dela.

Dessa forma, foram disponibilizadas folhas de papel A4, coleções (madeira, hidrocor e cera), tesouras, colas, exemplos de Geozine, livro/revistas para recorte, jornais e imagens dos lugares e das paisagens taipuenses.

a construção e experimentação dos Geozines elaborados pelos professores, a partir das noções dos lugares e da exploração das paisagens da cidade de Taipu. A partir disto, foi explanada a confecção deste produto, seguindo como parâmetro a proposição feita por Silva (2018), em que primeiro foi colocado um quadro geral dos materiais necessários (já disponibilizados), uma folha de papel A4 (base para a construção do Geozine) e exemplos de Geozines para observarem, folhearem e indicarem caminhos para uma posterior construção.

Dentre os Geozines disponíveis, estavam exemplos criados por professores de outras “oficinas Geozines” aplicadas em instituições públicas e privadas. Todavia, também estavam presentes produtos elaborados por alunos de diversas faixas etárias e níveis de ensino, do fundamental ao nível médio, e exemplares aplicados na disciplina de Psicopatologia na Educação, em uma turma de pós-graduação em Psicopedagogia Clínica.

Após a explanação dos passos para a elaboração do Geozine e a distribuição dos pequenos folhetos já prontos para serem preenchidos com liberdade criativa de cada professor, foi colocada a proposta temática do Geozine e seu elo com as noções dos lugares e a leitura das paisagens taipuense. Para elaborar o Geozine, foram passadas as seguintes informações: dobrar a folha em quatro partes (tendo um total de 8 lados); a primeira página é destinada à capa contendo um título (de acordo com o tema); em cada lado, será desenvolvido o enredo usando imagens, desenhos, letras, poemas, frases e outras linguagens. Tudo a partir das percepções, da criatividade e da liberdade do autor.

Como a temática para os docentes da Oficina Geozine, tinha o intuito de elucidar os lugares e as paisagens da cidade de Taipu, seguindo o tema: *“Nas paisagens taipuense, sinto o cheiro dos meus lugares de vivências”*. A partir disto, os docentes se encaminharam à “ala” dos materiais que estavam disponíveis para uso, durante a elaboração do Geozine. Dentre os recursos disponíveis, estavam diversas imagens que elucidavam os lugares e as diversas paisagens taipuenses, sendo um momento de aproximação com suas vivências diárias.

Figura 1 – Professores experienciando os materiais e as imagens de Taipu.



Fonte: Viana (2019).

No momento da escolha das imagens, era perceptível a animação dos professores ao observarem as figuras. Foi possível ver que suas vivências sob o “chão” da cidade taipuense estavam eclodindo naquele momento com as lembranças citadinas do ontem e do hoje. Isto foi percebido na fala da professora Dalvaci (“*passava todos os dias nesta ponte para chegar até a escola aqui em Taipu*”) e nas lembranças de Maria de Jesus (“*venho por essa estrada todos os dias no ônibus da Cabral e nunca parei para ver a beleza dessa paisagem*”).

Com os materiais, os professores começaram o processo de elaboração dos Geozines, debruçando sobre esta ferramenta didática as percepções, as vivências, as experiências dos lugares e das paisagens de Taipu. Na Figura 2, destacam-se as produções desenvolvidas pelos professores participantes e os Geozines, sob o olhar e a perspectiva do lugar e da paisagem taipuense. É perceptível que, durante a realização deste momento, os docentes puderam relembrar momentos que marcaram suas vidas: os lugares, as ruas e as marcas nas paisagens taipuenses.

Figura 2 – Geozines produzidos pelos professores.



Fonte: Viana (2019).

No último momento da oficina, buscou-se avaliar o Geozine como linguagem e estratégia didática. Após todo processo de compreensão e experimentação do produto didático, procurou-se analisar os “feedbacks” dos professores acerca das suas percepções, refletindo sobre as habilidades e as competências que o recurso consegue abarcar; identificando vantagens e desvantagens na elaboração do material; e apresentando sugestões para o desenvolvimento do Geozine.

Os professores apresentaram seus Geozines, exemplificando suas construções e intencionalidades na elaboração do produto didático. Essas explicações estão presentes nas análises dos Geozines do “terceiro momento”. Durante as explicações, foi possível ver a emoção em contar um pouco de sua história, em compartilhar saberes, momentos importantes que ficaram marcados nas paisagens e os lugares que são simbólicos em seu cotidiano. Somente após a conclusão das apresentações, os questionários que caracterizam este quarto momento foram entregues para seu preenchimento.

Os professores expressaram, quando questionados sobre uma desvantagem no uso do Geozine em seu fazer pedagógico, a falta de material ou insumos, como, por exemplo, coleções, livros de recorte, revistas e outros. Em continuação, afirmaram que, mediante a situação educacional vivida pelas instituições de ensino da cidade, as escolas apresentam graves problemas físicos e pedagógicos relacionados aos materiais informacionais e didáticos. Ainda acrescentam que, embora a “barreira” acima apresentada fosse um impedimento ao trabalhar com Geozine, o produto didático se apresentou como uma estratégia que dá diversos cenários possíveis para sua utilização por conter diversos instrumentos e elementos linguísticos.

Diante disto, pode-se observar que a oficina Geozine trouxe uma pluralidade de novos horizontes aos educadores, uma vez que a ferramenta didática, na visão destes atores sociais, apresenta mais vantagens enquanto recurso pedagógico aliado à prática docente. Ainda no processo avaliativo, os professores refletiram sobre o quadro do Geozine na estruturação da BNCC, em que, com isto, propiciou um momento de discussão sobre os objetos de conhecimento e habilidades, pois, durante este momento, o professorado optou por construir um novo tópico ao quadro, sendo o objeto do conhecimento “incentivar a escrita, leitura, no uso da criatividade, coordenação motora, reflexão referente ao tema, descobrindo as transformações do espaço-tempo”, tendo como habilidade “desenvolver diferentes técnicas como a leitura, a escrita, o desenho, a coordenação motora e outros”.

É importante destacar que, neste momento de avaliação da oficina, alguns educadores expuseram que desconheciam a nova proposição da BNCC (competências, unidades temáticas, objetos do conhecimento e habilidades), o que dificultou um pouco o entendimento coletivo, mas foram necessárias colocar práticas para uma melhor compreensão.

Em suma, a oficina Geozine despertou, nos educadores, um sentimento de pertencimento, uma chama reacendeu, pois possibilitou o resgate de memórias, lugares e paisagens que estavam marcadas em suas vidas. Além disso, serviu como uma inspiração de dias melhores para o fazer docente. Como nas palavras da professora Solange “*Construir o Geozine, entendê-lo e fazê-lo, reacendeu a minha esperança de dias melhores, onde, com um pequeno bloquinho de papel, é possível desenvolver uma rica e diversificada tipologia de aprendizagem*”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário pensar como ampliar os horizontes docentes em relação às suas práticas. Em outras palavras, é fundamental pensar em construir momentos de formação, um dos principais pontos elencados tanto pelos professores quanto pela avaliação do perfil didático. Por esse motivo, a pesquisa se debruçou no desenvolvimento do Geozine a partir da perspectiva do professor, haja visto que ele é a figura central de todo o processo de ensino. É através dele que se dá as escolhas e os caminhos a se seguir e, junto ao planejamento semanal, quinzenal ou mensal deste ator, que todo o conjunto de ensino se desenvolve. Diante disto, nada melhor que iniciar o processo de construção do Geozine a partir de sua experimentação prévia, criando acepções e “diminuindo” os entraves para desenvolver novas metodologias.



Por conseguinte, iniciar o processo de construção do Geozine, por meio do professor, trouxe novos olhares ao educador. Aproximar uma estratégia, antes da sua aplicação na práxis didática, possibilitou ressurgir a figura do pesquisador, aquele ator que está sempre em processo de novas descobertas e que é movido por questionamentos na busca de um fazer pedagógico significativo para o aluno.

A experimentação do Geozine apresentou, dentre tantos fatores positivos, a possibilidade do próprio professor ser o autor de suas metodologias em despertar o pesquisador que há em cada educador. Logo, o Geozine compreendeu uma estratégia para o professor que dá diferentes possibilidades na sua aplicação na práxis docente, levando em consideração que tudo depende da intencionalidade e dos direcionamentos do educador no processo da aprendizagem.

Diante de tudo que foi exposto, espera-se que esta pesquisa sirva de inspiração para outros professores de Geografia, contribuindo para que não desistam mediante à realidade imposta pela sociedade. Sobretudo, espera-se que os docentes busquem desenvolver ferramentas, metodologias e estratégias que, como o Geozine, seja mais um contributo à ciência geográfica escolar.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimento**. Campinas: Papiros, 2010.
- CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: UFSC, 1995.
- CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Editora UFSC, 2002a.
- DUARTE, E. N. **Linguagem e Comunicação Suplementar e Alternativa na Clínica Fonoaudiológica**. 2005. 85 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Artes) – PUC, São Paulo, 2005.
- GADAMER, Hans Georg. **Verdade de método II: complemento e índice**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.
- MORIN, E. **A religação dos saberes: jornadas temáticas idealizadas e dirigidas por Edgar Morin**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.



NASCIMENTO, Ioneide Santos do. **Da Marginalidade à sala de aula: o fanzine como artefato cultural, educativo e pedagógico.** In: MUNIZ, Cellina Rodrigues (Org.) **Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si.** Fortaleza: Edições UFC, 2010.

PONTUSCCHKA, NídiaNacib; PAGANELLI, TomokoIyda; CACETE, NúriaHanglei. **Para Ensinar e Aprender Geografia.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral.** São Paulo: Editora Cultrix, 1989.

SILVA, Antônio Marcos Gomes da. **Geozine: Linguagem para o ensino do conteúdo de região na geografia escolar.** Dissertação (Mestrado Profissional em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade mundo nas séries iniciais.** São Paulo: Annablume, 2006.

THOMPSON, John Brookshire. **A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia.** Rio de Janeiro: Petrópolis, 2011.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem.** São Paulo: Editora Hucitec, 2000.

VITECK, Cristiano Marlon. Punk: anarquia, neotribalismo e consumismo no rock'n' roll. **Publicação Espaço Plural**, Paraná, n. 16, p.53-58, 2007.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas.** Petrópolis: Vozes, 2005.